

Que nem no interior

Dois vendedores e o gerente de uma loja, que não quiseram revelar o nome por medo de perder o emprego, contam como passam um dia de trabalho. "Isso aqui parece umã cidade do interior", compara um, que às 13h de sexta-feira, lanchava calmamente com outro colega, também vendedor, em uma lanchonete do Venâncio. "Podemos fazer qualquer tipo de liquidação que não adianta. O shopping está sem atrativos", opina o colega, que trabalha em uma loja de calçados.

"Passamos o dia de trabalho como se estivéssemos em uma fazenda de tão calmo", ironiza o gerente. "É tão pouco movimento que os vendedores de lojas diferentes se conhecem e passam o dia batendo papo. Não tem mesmo nem como chamar a atenção deles, uma vez que a clientela é rara", explica. "Dá até para contar quantas pessoas entram na loja", brinca. "O meu maior medo é que esta loja também feche, como aconteceu com muitas outras e eu perca o emprego."

No ano passado, duas propostas foram feitas à administração para revitalizar o Venâncio 2000. Uma igreja evangélica tentou alugar três andares do shopping para montar um templo e foi cogitada a ida da Feira do Paraguai para o local. Nenhuma das duas propostas foram consumadas até hoje.

O proprietário do Pátio Brasil, Edmond Baracat, é enfático ao comentar sobre inauguração do shopping e sobre a conseqüente perda da clientela do Venâncio 2000. "Nada mais natural que a abertura do Pátio Brasil trouxesse a clientela e muitas lojas do Venâncio para o nosso shopping", diz. "Mas trouxemos também outras lojas de vários outros shoppings."

Outro ponto que o empresário destaca é o alto padrão de qualidade exigido pelos consumidores. "O consumidor hoje é mais exigente. Quer consumir em lugares que investem em conforto e qualidade", analisa. (MV)